

MITOS E LENDAS DAQUI E DE LÁ: IMAGINÁRIO E DIVERSIDADE CULTURAL NA FORMAÇÃO DE PEQUENOS LEITORES.

Caroline Machado¹
Ligia Mara Santos²
Maria Eliza C. Pimentel³

Resumo

O presente texto discute a relação entre literatura e infância apresentando uma experiência de ensino desenvolvida com três grupos de crianças (bebês e crianças pequenas) que é ampliada para outros grupos da instituição e para a comunidade escolar como ação de um projeto de extensão – o Piquenique Literário, que alcança a sexta edição. A temática que conduz o trabalho pedagógico, busca a constituição e a ampliação do repertório linguístico, textual e imagético das crianças pequenas, bem como a constituição da identidade, pela aproximação com elementos e conceitos de diferentes culturas. Trata-se do relato de uma experiência de docência compartilhada, na qual um conjunto de professoras coletivamente planeja, executa e avalia ações educativas, com crianças de 0 a 3 anos de idade no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. No entrecruzamento de conceitos-chave da obra de dois importantes teóricos modernos, imaginação e criação em Lev S. Vygotsky e narração e experiência em Walter Benjamin, encontramos apoio teórico às práticas de mediação de leitura literária e à formação do pequeno leitor. Nessa direção, entendemos que as narrativas possibilitam o encontro entre a cultura mais próxima, na qual a criança está inserida, com culturas distantes no tempo e no espaço e, dessa forma, pela experiência do outro, promove o encontro do leitor/ouvinte com o mundo e consigo mesmo. Tomando essas questões objetivando articular reflexão teórica com a prática pedagógica, construímos um itinerário no trânsito entre culturas mais próximas com culturas mais distantes: a indígena, a africana, a indiana, a chinesa, a japonesa, entre outras.

Palavras-chave: Literatura; Infância, Diversidade.

¹ Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorado em Educação. Email: carolmachadom@yahoo.com.br

² Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Educação. Email: ligiasantos234@gmail.com;

³ Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Educação. Email: mariapimentel89@hotmail.com

MYTHS AND LEGENDS FROM HERE AND THERE: IMAGINARY AND CULTURAL DIVERSITY IN THE TRAINING OF SMALL READERS.

Abstract

This paper discusses the relationship between literature and childhood by presenting a teaching experience developed with three groups of children (infants and young children) that is extended to other groups of the institution and to the school community as an action of a university extension project - the Literary Picnic, which reaches the sixth edition. The thematic that guides the pedagogical work aims for the formation and expansion of the linguistic, textual and imagetic repertoire of the small children, as well as the formation of the identity, by means of introducing the children to elements and concepts of different cultures. This is the report of a shared teaching experience, in which a group of teachers collectively plan, execute and evaluate educational actions, with children from 0 to 3 years of age in the *Núcleo de Desenvolvimento Infantil - NDI*, associated to the *Centro de Ciências da Educação – CED* of the *Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC*. In the intertwining of key concepts of the work of two important modern theorists, imagination and creation from Lev S. Vygotsky and narration and experience from Walter Benjamin, we find theoretical support for the practices of mediation of literary reading and the formation of the young reader. In this sense, we understand that the narratives allow for the confluence of the closest culture, in which the child is inserted, and cultures distant in time and space and, therefore, by the experience of others, promotes the encounter of the reader / listener with the world and itself. Based on these questions, with the aim of articulating theoretical reflection with pedagogical practice, we constructed an itinerary in the transit between closer cultures with more distant cultures: the Indigenous, the African, the Indian, the Chinese, the Japanese, among others.

Keywords: Literature; Childhood, Diversity.

Para começar: os preâmbulos de uma narrativa

As lendas são uma potência. Elas procuram nos transmitir alguma coisa importante que se passa na zona penumbrosa e criativa popular. E o que não existe passa a existir por força mesmo de seu encantatório enredo.

(Clarice Lispector)

Este trabalho é parte de um esforço coletivo de elaboração de subsídios teórico-metodológicos para o trabalho pedagógico com crianças pequenas e, nessa direção, objetiva apresentar uma experiência de docência compartilhada, na qual um conjunto de professoras coletivamente planeja, executa e avalia ações educativas, desenvolvidas com três grupos de crianças (bebês e crianças pequenas) no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), vinculado ao Centro de Ciências da Educação (CED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O presente texto aborda a relação da literatura com a infância apresentando e discutindo as possibilidades desta para a composição e a ampliação do repertório linguístico, textual e imagético das crianças pequenas, bem como a constituição da identidade, pela aproximação com elementos e conceitos de diferentes culturas.

Por constituir-se como um campo de experimentação pedagógica, tal quais os Colégios de Aplicação vinculados às Universidades Federais, o NDI além de atuar como campo de estágio para as diferentes licenciaturas e cursos da UFSC, também vem objetivando repensar o ensino e as possibilidades do trabalho pedagógico. Nesse contexto, um conjunto de professoras vem desafiando-se a pensar a docência a partir de outras possibilidades: novas reorganizações de grupos de crianças com diferentes faixas etárias, arranjos diferenciados para uma docência compartilhada.

Esse movimento ganhou força, sobretudo, a partir de 2014 e, no ano de 2016, buscou-se pensar uma configuração até então não experimentada: duas professoras compartilhando a docência de um grupo 2/3⁴ com 16 crianças com faixa etária entre 1 ano e 3 anos de idade. Tal organização foi apresentada e aprovada pelo coletivo de professoras da instituição e desde as entrevistas com as famílias até os encontros de avaliação individuais foram realizados de modo compartilhado por ambas as professoras.

Entretanto, com o início do ano letivo percebeu-se a possibilidade de se repensar esta organização de trabalho pedagógico mediante a participação e inserção do grupo 1, composto por 6 bebês com idades entre 3 a 11 meses, constituindo assim um coletivo de 22 crianças de 3 meses a três anos.

A partir da Proposta Curricular do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/CED/UFSC) que considera o processo de aprendizagem e de desenvolvimento infantil numa perspectiva histórico e cultural, o trabalho com as crianças de 0 a 3 anos é

⁴ Os agrupamentos de crianças são organizados por faixa-etária: Grupo 1 – 06 crianças de 3 meses a 11 meses; Grupo 2 – 07 crianças de 1 ano a 1 ano e 11 meses; Grupo 3 – 9 crianças de 2 anos a 2 anos e 11 meses; Grupo 4 – 14 crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses; Grupo 5 – 15 crianças de 4 anos a 4 anos e 11 meses; e Grupo 6 – 17 crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses. Cada grupo é coordenado por uma professora com o apoio de estagiários não-obrigatórios estudantes de diferentes licenciaturas da UFSC. Organizações diferenciadas precisam ser discutidas e referendadas pelo Colegiado da instituição.

balizado pelo objetivo de criar condições para o desenvolvimento destas em suas múltiplas dimensões (expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural), por meio da apropriação e ampliação dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, considerando as especificidades da infância e a singularidade de cada criança.

Nessa direção, entendemos que as narrativas possibilitam o encontro entre a cultura mais próxima, na qual a criança está inserida, com culturas distantes no tempo e no espaço e, dessa forma, por meio da experiência do outro, promove o encontro do leitor/ouvinte com o mundo e consigo mesmo. Assim, o trabalho pedagógico foi organizado de modo a considerar o movimento de inserção das crianças, a relação delas no espaço, no tempo, entre elas e os adultos, que resultará na constituição de uma identidade de grupo para que a criança reconheça-se como um sujeito singular, mas também como parte de um coletivo, com tudo aquilo que o compõe (compartilhamento, conflitos, regras de convívio, solidariedade, diferença, cuidado, respeito, entre outros).

Cabe destacar que entendemos por educação a forma como organizamos e intervimos nos processos de aprendizagem e desenvolvimento que possibilitam a apropriação da cultura material e intelectual – os conhecimentos, os valores, as técnicas, as linguagens, etc. –, histórica e socialmente acumulada pelas gerações precedentes. Por isto, de acordo com Cardoso (2004, p. 109), “[...] não há educação em geral. A educação é sempre uma prática social determinada, definida social e historicamente no âmbito de uma forma particular e específica de organização da sociedade”.

Neste sentido, desde muito pequena a criança estabelece relações com o mundo que a rodeia, relações que a permitem conhecê-lo e atuar sobre ele, constituindo sua subjetividade. Essa relação, mediada por pessoas mais experientes, é o que Forquin (1993) considera educação, de modo que “[...] educar e ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que ele deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa a sua identidade intelectual e pessoal em função deles” (FORQUIN, 1993, p. 167-168).

A creche e a pré-escola constituem-se em importantes espaços de educação e ensino das novas gerações, pois neles a criança é apresentada a parte do legado cultural sistematizado que contribui para sua humanização. O papel do outro, destacadamente o outro mais experiente, como o professor, é fundamental para desencadear e promover o desenvolvimento psíquico da criança, já que atua como mediador ao criar condições para que ela se aproprie daquilo que foi produzido e acumulado historicamente e socialmente pela humanidade.

Apresentar esse mundo, inserir na cultura, é o que dará condições para que a criança possa, num duplo processo, transformá-lo – atuando criativamente sobre ele – e transformar-se – na relação com a cultura material e imaterial que o constitui.

Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo. (LARROSA e KOHAN, 2017, p. 05).

Nesta perspectiva, o trabalho realizado junto às crianças pequenas acolhe as diferenças como algo constitutivo do outro e de nós mesmos, ou seja, que as crianças possuem características que as constituem enquanto sujeitos que pertencem a mesma categoria etária, mas que diferenciam-se por traços corpóreos, afetivos, étnicos,

culturais e econômicos diversos.

A compreensão da diversidade como princípio educativo contribui para demarcar que as experiências entre as crianças impulsionam o alargamento dos seus padrões de referência, na medida em que se tenha assegurado o diálogo e o reconhecimento das diferenças.

Para tanto, encontramos na literatura dos mitos e lendas de diferentes tempos e lugares uma possibilidade de realizar uma aproximação da criança com outras referências, orientadas a partir do rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.

Importante ainda destacar que tal temática extrapolou as atividades de ensino, sendo incorporado ao *V Piquenique Literário: Mitos e Lendas daqui e de lá*, ação promovida pelo projeto de extensão **Infância e Literatura: mediação de leitura literária e formação de leitores**.⁵ Uma das principais ações do projeto, o Piquenique Literário é, ora realizado semestralmente, ora anualmente. Desde sua segunda edição, o evento tem sido temático e tem-se buscado a variação e qualidade dos temas e literaturas eleitos pelo grupo de coordenação. No ano de 2016, as histórias tiveram como foco o tema **mitos e lendas**, de modo a se apresentar e ampliar as referências literárias dos participantes a partir das explicações mágicas de culturas distantes no espaço e no tempo. A ideia foi transitar entre histórias de diferentes tribos indígenas brasileiras, com destaque para as contadas pelos próprios povos indígenas, lendas açorianas/catarinenses registradas por Franklin Cascaes, mitologia greco-romana, lendas latinas, lendas africanas, indianas, entre outros.

Infância e literatura: percursos, caminhos, (des)encontros, desafios e possibilidades

No começo era uma linha, um fio. Restos de panos, tecidos. E logo depois, quantas tramas, tantas coisas... Uma caixa. Caixas pequenas, enormes caixas, caixas quadradas, caixas abertas, caixas fechadas. E logo depois, tantas caixas...

Entre tecidos coloridos e caixas, possibilidades de encontros. Encontros dos mais diversos: entre crianças e crianças; entre crianças e adultos; entre adultos e adultos; entre pessoas e um lugar. Um lugar com sentidos e significados, também diversos. Um

⁵ O NDI atua na extensão de maneiras diferentes e tem alguns projetos que se consolidaram ao longo dos anos. O projeto de extensão intitulado Infância e Literatura: mediação de leitura literária e formação de leitores, coordenado pela professora Caroline Machado, é um dos projetos do NDI que vem sendo realizado com diferentes títulos e configurações no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/UFSC) desde 2011. Tem como objetivo central fomentar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir de estudos e práticas pedagógicas que tenham como foco a relação entre os temas da infância e literatura, com ênfase nas práticas de mediação de leitura literária e nos processos de formação de pequenos leitores. Nessa direção, tem como foco duas principais frentes: a formação de pequenos leitores e a formação inicial e continuada de professores. Dentre as ações empreendidas, destacamos: realização de saraus, contações de história, com destaque para os Piqueniques Literários (que completa em 2017 a sexta edição), palestras e oficinas, participação e organização de eventos, elaboração de materiais didático-pedagógicos, seleção e indicação de leituras. Em articulação com o Projeto de Extensão *Leitura literária e narração de histórias para as crianças no espaço da biblioteca*, coordenado pela Dra. Lilane, realizamos ações conjuntas, constituindo, entre o NDI e o Curso de Pedagogia, pelas disciplinas Linguagem Escrita e Criança, Literatura e Infância, Narração de Histórias, uma profícua articulação entre ensino e extensão. Ele atinge uma média de 200 crianças e suas famílias anualmente, cerca de 150 estudantes de diferentes cursos de graduação, aproximadamente 200 professores em situações de formação continuada.

lugar preparado para provocar encantamentos, explorações e aventuras, imaginação e criação, brincadeiras e construções, aconchego e acalento.

E foi assim, entre caixas e tecidos, aproximações e encontros, que iniciamos o processo de acolhimento e inserção das crianças⁶. Iniciamos trajetos, não do começo, pois não sabemos onde o começo começa. Suspendemos a ponta de um fio (o fio de Ariadne⁷) e vamos seguindo sem direção determinada a priori, nosso olhar é instigado para várias direções. Olhamos para cá, para lá, em linha reta, circundante, para trás, para os lados e, de tanto olhar, vamos aos poucos aprendendo a ver.

O primeiro fio nos levou para um lugar com torres, castelos, muros, casas, cabanas, tocas e esconderijos que se configuraram formando um cenário. Fomos desenrolando o fio e aprendendo os mistérios da tecelagem. Os fios foram se enrolando e produzindo contexturas de entrar, sair, aparecer, desaparecer, arrastar, deslizar, empurrar, construir, derrubar e espiar. Dentro de cada nova história, outras histórias vinham morar. Cada criança criou e protagonizou seus próprios enredos.

Foi necessário um tempo para aprender sobre os segredos da tecelagem e assim, fio a fio construir o nosso trabalho. Um trabalho com nossos ritmos, desejos, interesses e o “nosso jeito de ser”. Em pouco tempo, construímos um grande coletivo com crianças de diferentes idades compartilhando experiências diversas. Crianças e adultos que passaram a se conhecer e reconhecer mediante um trabalho articulado, comprometido e interessado nas muitas possibilidades que as trocas entre os distintos sujeitos conduzem para o processo de aprendizagem e de desenvolvimento.

Logo que os vínculos foram se consolidando e as semanas foram transcorrendo, em meio a jogos e brincadeiras, sons e cores, texturas e sabores, encontramos outro fio. Um fio extenso, desconhecido e intrigante, que nos levou a mais uma história: Criação⁸.

Enredados por distintas histórias das mais variadas culturas, adentramos cautelosamente ao mundo dos mitos e das lendas. Desde então, acontecimentos mágicos e fantásticos vieram morar em nossa imaginação.

Conhecemos a origem da vida e as muitas versões sobre o surgimento da terra e dos homens. Juntos, foi possível ver, ouvir, imaginar e sentir o frio do inverno, o calor do verão, a chuva do outono e o perfume das flores da primavera. Ouvimos histórias sobre o dia e sobre a noite, sobre o sol e sobre a lua, descobrimos como nascem as estrelas, viajamos além-mar em busca de “Noites de Esperanças” nos escritos de Kátia Canton e nas obras de Sandra Cinto, e ainda, aprendemos sobre o tempo: sobre o nosso próprio tempo, sobre o tempo do outro e sobre outros tempos.

Encontramos velhos e novos amigos, como o Bicho da Risada⁹, que esteve presente durante muitas tardes; conhecemos uma princesa africana sem reino e sem súditos, chamada Malaika e seus pais elefantes, Komba e Nari; descobrimos a força e a coragem do guerreiro Yakuba e nos pintamos com tintas de barro, como ele; conhecemos os trepantes de Lygia Clark, mas também criamos os nossos; descobrimos

⁶ A organização da proposta foi inspirada em duas histórias: *Não é uma caixa!*, Antoinette Portis, Editorial Presença, 2010; e *O Lenço*, Patrícia Auerbach, Brinque Book, 2013.

⁷ Personagem da mitologia grega. Mitos Gregos recontados por Eric Kimmel. Martinsfontes, São Paulo: 2015.

⁸ Mito da criação do mundo e do surgimento da arte contado pela comunidade tribal Gonde, da Índia Central. *Criação*, Bhajju Shyam e Gita Wolf. Editora Martins Fontes, 2015.

⁹ Personagem criado pelos estagiários do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) – Curso de Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc), Marcos Paulo Kretschmann e Thais Putti, sob supervisão da arte-educadora Vânia Broering (NDI/UFSC) e orientação do professor Vicente Concilio da UDESC.

onde mora o Boitatá e as bruxas do Franklin Cascaes; e, ainda, cantamos, dançamos e produzimos os mais variados sons com objetos, instrumentos e nosso próprio corpo. Sons ancestrais, de lugares distantes no tempo e no espaço.¹⁰

Ao olharmos para o fio que até então nos conduzia, observamos como é diverso e intrincado. Um fio definitivamente não se parece em nada com uma linha reta, tampouco pode ser descrito como um trajeto simples. Nosso fio tem fluxo, movimento. Quando olhamos detalhadamente e bem de perto vemos que na verdade o fio está unido a muitos outros pequeninos fios. Já quando tomamos distância e olhamos com certo afastamento, percebemos a complexidade de uma trama que vai se configurando a partir da oscilação do fio. E assim acompanhar tal curso, exigiu olhares diversos: de perto, de longe, de cima, de baixo e de todos os lados.

E nesse movimento de olhar para o caminho percorrido, entre idas e vindas, conhecemos os Dragões da mitologia Chinesa e Japonesa. Criaturas coloridas e dançantes, criadas para manter a paz entre os homens.

Da mitologia oriental, conhecemos também os Unicórnios. Símbolos de força e pureza, esses seres mitológicos revelaram toda sua singularidade na história do último unicórnio. Griso, o solitário unicórnio, muda de cor, tamanho e forma o tempo todo, transformando-se em vários a partir de referências da arte universal, como pinturas rupestres e indianas, arte surrealista e adornos egípcios, evocando diversas referências da história da arte.

E por falar em seres únicos, procurando por seus iguais, conhecemos serpentes de diferentes tamanhos, cores e origens. Várias delas vieram nos visitar e algumas até resolveram ficar. Ainda bem que nosso espaço é grande! Algumas vieram bem de pertinho, como a cobra coral do Schwanke¹¹. Outras vieram de mais longe, precisaram cruzar o país, como o Boitatá da Amazônia, um Dragão brasileiro, que deixa no céu seu rastro de fogo. Já ao final da viagem, retornando da Amazônia para Florianópolis, reencontramos o Boitatá retratado por Frankilin Cascaes¹².

Já agora em casa e acomodados, nosso fio volta a balançar, e desta vez nos leva para outro tempo...

– Ops! Parece que caminhamos para trás, pode ser?

– Sim! Tudo é possível com imaginação...

E agora avistamos nem uma nem duas, mas uma coleção de cobras na cabeça de uma moça! Antes princesa, agora Medusa. Condenada a viver com inúmeras serpentes e com o temor de quem cruzasse seu caminho, pois diante de seu olhar todos são imediatamente petrificados.

¹⁰ Algumas das referências de histórias e músicas corporais citadas:

Malaika, La princesa. Curta animado de Lizardo Carvajal. LuaBooks <https://www.youtube.com/watch?v=T0uJrBGUKbU>

Como nascem as estrelas - https://www.youtube.com/watch?v=5GgLD_KYYIY

Trepante, 1965. Lygia Clark/ Itaú Cultural.- <https://www.youtube.com/watch?v=uMQ715bFTLw>

Nana Vasconcelos: Batuque nas águas/2011- <https://www.youtube.com/watch?v=aGo6SEPXRB8>

Hermeto Pascoal: Mistérios do corpo/2012- <https://www.youtube.com/watch?v=UPMPye2gg3o>

Stomp- https://www.youtube.com/watch?v=znOktCa_kA4

¹¹ Importante artista plástico catarinense, Luiz Henrique Schwanke, produziu mais de cinco mil obras entre desenhos, esculturas, pinturas e instalações. <http://www.schwanke.org.br>.

¹² Pesquisador da cultura açoriana, folclorista, ceramista, antropólogo, gravurista e escritor brasileiro. Dedicou sua vida ao estudo da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina e região, incluindo aspectos folclóricos, culturais, suas lendas e superstições.

E depois de trajetos diversos, reencontramos o fio de Ariadne. Foi essa personagem que, com sua coragem, paixão e astúcia, ajudou Teseu a se transformar num épico herói após derrotar o monstro devorador de homens que habitava o labirinto sem saída construído pelo Rei Minos, embaixo de seu palácio, para castigar todos aqueles que se colocavam contra sua vontade: o temível *Minotauro* – figura mitológica metade homem, metade touro.

Seguindo o fio de Ariadne, Teseu conseguiu se libertar do labirinto e colocou seu nome na história. Seguindo o fio de Ariadne, construímos nossa singular história, recheada de pequenas outras histórias. E foi uma última história, compartilhada com as crianças e famílias, que abrigou personagens distintos, de tempos e lugares distantes: O Boitatá, o Dragão da Sorte, o Unicórnio e o Minotauro.

Mas não é agora que escrevemos “fim” ou “e foram felizes para sempre” ou “e devem estar lá até hoje”. Seguimos em diferentes direções e chegamos nesse ponto onde nos despedimos com vários fios soltos, desafiando a cada um que nos acompanhou a escolher outras trilhas, percursos, desvios... até nos reencontrarmos em algum lugar: lá na frente, nas memórias compartilhadas, em nossos sonhos, onde nossa imaginação quisera.

Para não concluir: era uma vez outra vez

De modo desprezioso nos propusemos a compartilhar uma experiência com crianças pequenas que buscou articular literatura, arte e infância mediante um conjunto de ações que mobilizaram desejos, sentidos, gostos, dúvidas, sonhos...

A intenção de ampliar o repertório linguístico, textual e imagético das crianças subvertemos os sistemas de classificação etária e buscamos apresentar para as crianças bem pequenas ilustrações e textos que rompam com uma estética padronizada, empobrecida e estereotipada para o público infantil.

O livro, como objeto social, permite não apenas a inserção na cultura, como também representa a possibilidade de apresentação do mundo ao outro, e ainda, uma ponte entre gerações, um encontro com o outro e com o mundo mais distante.

Por isso, o processo cuidadoso de escolha destas literaturas precede não apenas um olhar atento ao conteúdo escrito, mas a qualidade desse objeto em sua materialidade, suas formas e texturas, suas imagens, cores e tons, a organização do seu texto escrito e imagético, a qualidade das adaptações e traduções. Assim, buscamos apresentar o livro em suas diferentes configurações: com texto, com imagens, com textos curtos, textos longos, poesias, parlendas, textos informativos, biográficos, literários, cartas, bilhetes, trava-línguas.

E nesse jogo de contar, narrar, recontar e ler, a leitura literária configura-se como uma experiência que oportuniza viajar no tempo e no espaço, oferecendo respostas, mas, sobretudo, provocando perguntas, abrindo possibilidades para a autoria, imaginação e criação.

De acordo com Vigotski (2009) a criação é condição necessária da existência humana e os processos de criação manifestam-se com toda a sua força desde a mais tenra infância. Entretanto, a imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa.

Já na primeira infância identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras. [...]. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa

de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança. [...]. É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação. (VIGOTSKI, 2009, p. 16-17).

Assim, na relação com a literatura, nos aproximamos da concepção benjaminiana de livro como brinquedo: objeto social que desencadeia processos imaginativos e é material para criação, ou seja, suporte para a memória e para os roteiros construídos a partir desta (BENJAMIN, 2002).

Também com Vigotski podemos afirmar (2009, p. 22):

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material disponível para a imaginação dela.

Nessa perspectiva, outro ponto fundamental trata-se do planejamento e da estruturação de tempos, espaços e materiais apropriados às experiências, desafios, curiosidade e expressividade das crianças, levando em consideração que o cotidiano pode ser ampliado também a partir do que elas apontam. Ao falarmos de espaços, partimos da compreensão de que estes servem de suporte: são ambientes intencionalmente organizados para desencadear e materializar os processos imaginativos das crianças.

Além disso, partimos da compreensão de que o uso de materiais que ultrapassem o que comumente definimos como brinquedo – tecidos, restos de madeira, folhas, gravetos, pedras – objetos mais livres em relação ao conteúdo social implícito, assumem diferentes funções em curto espaço de tempo, proporcionando maior liberação da criança do plano imediato. O contato com uma diversidade de materiais e brinquedos possibilita a apropriação de seus nomes e respectivos modos de ação, bem como a construção progressiva de conceitos.

Como bem observa Walter Benjamin, o interesse das crianças se volta aos restos residuais, testemunhos do mundo, que possibilitam uma aproximação e representação do mesmo. As crianças

(...) sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou marceneiro. Nesses produtos residuais, elas reconhecem o rosto que o mundo volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer, entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. (Benjamin, 2002, p. 104).

Também é fundamental ultrapassar a temporalidade cronológica, tendo como premissa para a organização das propostas de trabalho a flexibilização do tempo e a mobilização das crianças diante do que é proposto. Assim, busca-se a intensidade de duração das experiências e a simultaneidade de ações/proposições/brincadeiras, com a finalidade de romper com a ideia de que devemos propor uma atividade única, que requer a participação de todas as crianças do mesmo modo e ao mesmo tempo.

Destaca-se ainda a importância da experimentação de movimentos diferenciados que explorem os limites do corpo e contribuam para a construção de uma consciência corporal, do contato com elementos diversificados (grama, água, fogo, texturas, terra, vento) que possam desafiar os sentidos.

Assim, busca-se pensar um trabalho articulado e que promova o desenvolvimento da criança em suas múltiplas dimensões, tendo como finalidade a qualidade das experiências e das relações estabelecidas e não um produto final. Trata-se de criar condições para o desenvolvimento da identidade, autonomia e percepção de si e do outro, transformando o espaço da Educação Infantil em um lugar de encontros.

Neste sentido, entendemos que como sujeito humano concreto, a criança aprende e desenvolve-se sob determinadas condições histórico-culturais e desde muito pequena estabelece relações com o mundo, sendo

[...] capaz de explorar os espaços e os objetos que encontra ao seu redor, de estabelecer relações com pessoas, de elaborar explicações sobre fatos e fenômenos que vivencia. (MELLO, 2007, p. 90).

Nesse contexto, a literatura possibilita um importante encontro com o conhecimento do mundo e de si. As narrativas, pelo cruzamento entre a memória pessoal e a história coletiva, estabelecem as necessárias pontes entre gerações próximas ou distantes no tempo e no espaço. Dessa forma, pela inserção na cultura local e geral, as crianças pequenas ampliam, dentre outros, seus repertórios linguístico, textual e imagético, bem como, pela aproximação com elementos e conceitos de diferentes culturas, constituem progressivamente sua identidade. A educação se coloca exatamente na fronteira entre o velho e o novo, no diálogo entre a conservação e a renovação, aspirando ultrapassar os processos de imitação e reprodução, alcançando uma relação de interpretação, representação e renovação do mundo.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Ed.34, 2002.

CANTON, Katia. **Noites de esperança: uma viagem pela imaginação/ poemas de Katia Canton; obras de Sandra Cinto**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Questões sobre educação. In: GOULART, C. (Org.). **Dimensões e horizontes da Educação no Brasil: ensaios em homenagem a Gaudêncio Frigoto, Maria Ciavatta e Osmar Fávero**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Editora da UFSC, 2012.

CRUTTENDEN, Cynthia. **Noite do sertão**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CRUTTENDEN, Cynthia. **Sob o Sol, Sob a Lua**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DEDIEU, Thierry. **Yakuba**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LARROSA, Jorge e KOHAN, Walter. Apresentação da Coleção. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Tradução Fernando Coelho. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 05-06. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LISPECTOR, Clarice. **Doze lendas brasileiras**: Como nasceram as estrelas. Ilustrações: Suryara. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./jun. 2007. Dossiê Infância, Educação e Escola.

SANT' ANNA, Renata; PRATES, Valquiria. **Lygia Clark**: linhas vivas. São Paulo: Paulinas, 2013.

SHYAM, Bhajju; WOLF, Gita. **Criação**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.